

**“EU SINTO NA PELE E NO CORAÇÃO O QUE É O PATRIMÔNIO”:
IMAGINÁRIOS DE PRESERVAÇÃO E VALORAÇÃO DE RESSONÂNCIA NO
MOVIMENTO DA HASHTAG #OQUEEPATRIMONIOPARA VOCE**

João Paulo Roberti Junior (PPGAS / UFSC)¹

Resumo

A partir do movimento da hashtag “#oqueepatrimonioparavoce” no Facebook – movimento social online que ganhou forma no último ano sugerido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN através do Congresso Internacional de Educação Patrimonial, este artigo busca através do pilar metodológico da etnografia, discutir e tecer análises em torno das imagens postadas e dos textos compartilhados neste movimento. Inicialmente, busco uma breve revisão acerca da temática do Patrimônio Cultural. Após essa revisão, serão demonstradas algumas participações de interlocutores através de fotos e textos selecionados a partir do recorte estabelecido para a pesquisa. Este recorte está delimitado pelo objeto do trabalho em poder realizar uma análise reflexiva da instrumentalidade e dos imaginários de preservação e valorização de ressonância que o patrimônio cultural estabelece. A partir da análise realizada junto ao conteúdo postado com as fotos, pude ao longo das imagens, desenvolver e compreender a concepção compartilhada por aqueles que postavam as fotos. As postagens demonstram uma multiplicidade de concepções emergentes acerca da temática do Patrimônio, sendo o patrimônio visto como algo referencial, pois, é instrumento de construção de identidade atrelado à memória. Concluindo-se que a dimensão histórica, estética e de ressonância são operativas no processo de valorização de um bem.

Palavras-chave: Patrimônio cultural; Ressonância; Movimento social; Facebook.

Abstract

From the movement of the hashtag “#oqueepatrimonioparavoce” on Facebook - Online social movement that took shape in the last year suggested by the Historical and Artistic Institute -

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciado em História e Especialista em Metodologia de Ensino de História pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI)

IPHAN through the International Heritage Education Congress, this paper aims through methodological pillar ethnography, discuss and weave analysis around the images posted and shared texts in this movement. Initially, I seek a short review about the Heritage theme. After this review, will be demonstrated some holdings of interlocutors through pictures and texts selected from the crop established for research. This cut is delimited by the work of the object in order to make a reflective analysis of instrumentality and the imaginary preservation and valuation of resonance that cultural heritage down. From the analysis performed by the content posted with the pictures, I could over the images, develop and understand the shared conception by those who submit photos. Holdings demonstrate a multitude of emerging ideas about the theme of Heritage, being seen as something referential equity therefore is identity building instrument linked to memory. Concluding that the historical dimension; aesthetic and resonance are operative in the valuation process of property.

Keywords: Cultural Heritage; Resonance; Social movement; Facebook.

Introdução

A cada dia surgem no ciberespaço interações mediadas por computador, e ações coletivas contingentes a visibilidades e experiências do mundo “off-line”. Segundo Castells (2003) a disseminação das tecnologias de informação e interação, tornam a rede uma dimensão tangível do social. Permitindo assim, uma maior flexibilidade e adaptabilidade em favor de decisões descentralizadas e principalmente de maior liberdade de expressão, comportando uma comunicação horizontal (MÁXIMO, 2010: 41). Diante deste contexto de interconexão, observou-se nos últimos meses, as pessoas em suas vidas “online” e “off-line” presenciarem o surgimento de diversos movimentos sociais², tais como *#marchadamaconha*; *#marchadasvadias*; *#foraBolsonaro*; entre outros que surgem a cada dia. Isso demonstra que “el mundo está cada vez más conectado, aunque no unificado, em lo económico y em lo cultural” (CLIFFORD, 1995: 32).

² Movimento social é aqui entendido como sendo “ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais [...] Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas.” (GOHN, 2007, P. 13). Neste texto será trazida a possibilidade de agregar a noção de movimento social e movimento social online, os mesmos serão explicitados posteriormente no texto ou na nota de rodapé número 4.

Estes movimentos podem ser desenvolvidos, em várias plataformas, tais como o Twitter³ e Facebook⁴. Um destes movimentos sociais online⁵ que ganhou forma no último ano é o movimento sugerido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN através do Congresso Internacional de Educação Patrimonial, denominado: *#oqueepatrimonioparavoce* (O que é patrimônio para você?), este movimento foi formado em várias plataformas, contudo no Facebook ele é mantido até os dias atuais pelos cibernautas por meio de suas postagens cotidianas e também pela crescente expansão da página de divulgação do movimento. No caso a utilização da hashtag = “#⁶” que permite aos usuários o encontro em torno de temáticas comuns e por isso é utilizada de forma sistemática.

Por meio de celulares, câmeras ou qualquer aparelho que possua as funções necessárias, as pessoas interessadas produzem fotografias ou vídeos de curta duração, que representem o significado do patrimônio para elas, seja ele material ou imaterial. Os conteúdos – inéditos ou de arquivo pessoal – devem ser inseridos nas redes sociais com a hashtag *#oqueepatrimonioparavoce*, acompanhados de uma pequena descrição e/ou imagem.

A possibilidade que o movimento assume de democratizar as percepções sobre o patrimônio, comunga com algo que tem alavancado na Antropologia nos últimos anos, ao estudo das mais diversas formas de socialidades (RIFIOTIS; MÁXIMO; LACERDA; SEGATA, 2010). Neste sentido, para este trabalho, se buscará o enquadre a discussão do sujeito emergente do movimento – o qual apresenta uma categoria que é fundamental para pensar o Patrimônio Cultural que é a significação do campo do Patrimônio e as possibilidades que os sujeitos deste movimento compartilham noções sobre patrimônio e valoração de ressonância.

Adentrando minha participação em campo

³ O Twitter - www.twitter.com - é uma rede social onde os usuários podem postar mensagens de até 140 caracteres para uma rede de seguidores (followers). Além disso, a comunicação pode ocorrer de duas formas: através dos “Replies” (forma pública) e das “Messages” (forma privada).

⁴ Segundo o próprio site do Facebook, “O [...] “Facebook” envolve os recursos e serviços que disponibilizamos, incluindo por meio de (a) nosso site www.facebook.com e qualquer outro site da marca Facebook ou sites de marca compartilhada (incluindo subdomínios, versões internacionais, widgets e versões para celulares); (b) plataforma; (c) plug-ins sociais, como o botão Curtir, o botão Compartilhar e outras ofertas similares (d) e outras mídias, softwares (como uma barra de ferramentas), dispositivos ou redes já existentes ou desenvolvidos posteriormente”. Cf.: <<https://www.facebook.com/legal/proposedsrr/pt>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

⁵ Estes movimentos sociais online estão presumidos naquilo que Avritzer (1994, p. 190) propõe na concepção de movimento social, como sendo algo “onde a ação é a portadora imediata da tessitura relacional da sociedade e do seu sentido”. Ou seja, estes movimentos nas redes sociais com as manifestações particulares usando hashtag fluem e acontecem em fronteiras porosas que permitem questionar estruturas, propondo novas formas de concepção e organização social (GOHN, 2007).

⁶ A hashtag no Facebook é este símbolo “#” subsequente de uma palavra ou frase. É usada pelos cibernautas como uma forma de marcar assuntos em comum na plataforma, facilitando o rápido compartilhamento e acesso ao tema.

Este trabalho tem como pilar metodológico a etnografia virtual, que “sustenta como fundamentação a presença do etnográfico no campo, sendo que neste caso o campo é a rede mundial de computadores em seus diversos espaços de sociabilidade” (SOUZA, 2012: 42). A experiência de pesquisa demonstra que:

a importância do trabalho etnográfico na análise da produtividade social do ciberespaço, na medida em que permitiram perceber que a existência social dos espaços interativos criados na “comunicação mediada por computador” está diretamente relacionada aos padrões culturais construídos pelos *sujeitos em interação*. (MÁXIMO, 2010, p. 31)

Além disso, a concepção da pesquisa no ciberespaço “ganha uma dimensão analítica precisa, para além da nostalgia e do fascínio do ciberespaço” (RIFIOTIS, 2010, p. 80). Busca-se desta forma um modelo viável de imersão no campo da conexão online. Como dito na introdução deste trabalho, esta pesquisa tem como ponto de partida o Facebook. A partir do início do curso da disciplina de Antropologia e Patrimônio Cultural, adentrei na busca por um tema que contemplasse algo constitutivo e contributivo para o campo. No início, o que me chamou a atenção foram as inúmeras fotos que a comunidade do movimento *#oqueepatrimonioparavoce* compartilhavam. As mais de 200 fotos selecionadas pela página (Neste caso pelo moderador da página – IPHAN) contrastavam com as inúmeras postagens diversificadas entre respostas a pergunta “O que é patrimônio para você?” e fotos com descrições das respostas do movimento. As postagens demonstram uma multiplicidade de concepções emergentes acerca da temática do Patrimônio.

A partir da análise dos textos postados junto com as fotos, pude ao longo das imagens, compreender a concepção compartilhada por aqueles que postavam as fotos. Além disso, já ter experiência de sociabilidade pelo Facebook me permitiu uma relação de proximidade com a plataforma, pois, as características da mesma já são por mim conhecidas. Desta forma, nesse trabalho busco tecer análises em torno das imagens postadas e dos textos. Traço abaixo, um breve levantamento a cerca da temática do Patrimônio Cultural.

Buscando uma cumplicidade social: O Patrimônio Cultural e os componentes valorativos culturais

Dentro de uma mesma sociedade, há que se perceber que existem diferentes segmentos valorativos que estão balizados por escalas particulares de vivências e

preocupações. Este aspecto está direcionado por aquilo que Velho (2008), sugere sobre projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. Isso faz entender, de que modo o patrimônio sofre com categorias coexistentes nas fronteiras simbólicas estabelecidas. Ou seja, a autenticidade e a noção de patrimônio muitas vezes acabam ficando e passando por uma questão naturalizada.

Desta forma, as posses e os sistemas arbitrários de valor e significado patrimonial, mudam historicamente e politicamente⁷. Historicamente no Brasil, a temática do patrimônio, esteve relacionada com as políticas do Estado e expressou-se com a preocupação da salvação dos vestígios do passado da Nação, e mais especificamente, com a proteção de monumentos e objetos de valor histórico e artístico (FONSECA, 2005). Isso implicou na constituição e valoração de monumentos e objetos característicos da constituição de uma Nação, consequência direta das políticas do Estado Novo e inclusão de Mário de Andrade na constituição do Sphan⁸, que atualmente está sob a denominação de Iphan (FONSECA, 2005). Com isso, a noção de pátria e nacionalismo ainda podem ser observados na busca pela preservação do campo do patrimônio no Brasil.

Isso demonstra que apesar do superlativo direcionamento do campo do patrimônio, a noção de patrimônio cultural foi ao longo da história ameaçada por contingências temporais. Porém, todas as categorias de objetos significativos funcionam dentro de um sistema ramificado de símbolos e valores compartilhados (CLIFFORD, 1995). A ideia de patrimônio passa assim, por uma tentativa de adquirir reconhecimento diante da diversidade, podendo assumir uma transferência semântica da definição de patrimônio, denotando seu aspecto cambiante.

Desta forma, segundo Chuva (2012) a noção de Patrimônio, pode ser historicamente construída, além disso, o campo passou por uma falsa divisão entre patrimônio material e imaterial⁹. Contudo, a atualização institucional do conceito de patrimônio implica em critérios de valoração, seleção e classificação, que se traduzem em novas tipologias das definições adotadas previamente (ROTMAN, 2014). Mas com o tempo, a noção de patrimônio cultural

⁷ Como por exemplo, Pacheco (1996) salienta que em muitos casos o Estado antecede a homogeneização linguística e cultural bem como a “invenção” de tradições compartilhadas e a crença em uma origem e destino comum.

⁸ Serviço do Patrimônio, Histórico e Artístico Nacional.

⁹ Contudo esta divisão é consolidada e legitimada em muitas políticas de patrimonialização. Não sendo totalmente enganosa. Porém, como demonstra Castells (2010) sobre o patrimônio imaterial em camadas populares, o patrimônio imaterial acabou sendo designado por uma lado pobre das políticas de conservação patrimonial. Cf. “considerar el patrimonio inmaterial como un concepto maleable y fluido, utilizado por diferentes esferas del campo patrimonial para abrigar o legitimar producciones culturales pertenecientes a sectores populares.” Além disso, Meneses (2009) frisa que se “deva trata o patrimônio unificadamente, sem distinguir as categorias de material, imaterial, natural, ambiental, histórico, arquitetônico, artístico, etc.” (p. 35).

tornou-se maleável e ampla, capaz de agregar valores, visões de mundo, e ações políticas nem sempre harmoniosas e coerentes entre si.

Os valores identificados nos bens culturais demonstram que, os bens são reapropriados na prática, pelos atores públicos e privados compondo e visando a sua patrimonialização. Entendendo desta forma que são atribuídos pelos homens e, portanto, não são permanentes, tampouco são intrínsecos aos objetos ou bens de qualquer natureza. Logo, os processos de patrimonialização de qualquer tipo de bem cultural devem colocar em destaque os sentidos e os significados atribuídos ao bem pelos grupos de identidade relacionados a ele (CHUVA, 2012). É preciso ter em mente que “a dimensão da cultura está presente de maneira acentuada na construção das categorias do patrimônio” (FARIAS, 2010: 137).

Portanto, os sujeitos produtores de sentidos são vários e diferenciados. Nas ações de proteção e salvaguarda, os sujeitos a que nos referimos são aqueles cujas relações estabelecidas com os bens culturais os tornam constituintes e constituídos por tais bens, numa dialética construção de identidades por meio de elos comuns ao grupo (CHUVA, 2012). Por haver uma concorrência para a atribuição de valores por grupos que se diferenciam por interesses diversos, as políticas públicas de patrimônio precisam, portanto, ampliar e explicitar quem são os sujeitos que estão sendo privilegiados, para que não se tornem políticas “lobistas” (Ibid., 2012).

Destarte, deve-se assumir que existem formas de organizar e simbolizar a vida social existente em uma hierarquia de capitais culturais. Daí decorre a necessidade de haver uma democratização da cultura através do campo patrimonial, com o objetivo não só de resgatar “objetos autênticos” – como já alertado por James Clifford (1995) – de uma sociedade, mas os que são culturalmente representativos (CANCLINI, 2005).

A partir desta multiplicidade de convergências conceituais e temáticas a cerca do campo do patrimônio cultural, Canclini (1994; 2005) explicita um triplo movimento de reconceitualização do patrimônio cultural. Entendamos o campo, a partir de três movimentos: a) O Patrimônio cultural não inclui apenas a herança de cada povo, mas os bens culturais visíveis e invisíveis; b) ampliação da política patrimonial relacionando os bens com as necessidades contemporâneas da maioria; c) Oposição do campo, a uma seletividade que privilegia as classes hegemônicas. O patrimônio deve somente, expressar uma cumplicidade social.

Esta cumplicidade social está relacionada a uma apropriação afetiva e estética dos bens culturais. Nesse sentido, “é preciso introduzir outros critérios para avaliar os círculos

concêntricos de pertinência e interesse do bem, que possam antes de mais nada definir seu potencial de interlocução” (MENESES, 2009, p. 30). Este potencial de interlocução está diretamente relacionando com os componentes definidos de um valor cultural. É necessário pensar nos seguintes componentes do valor cultural: valores cognitivos¹⁰; formais¹¹; afetivos¹²; pragmáticos¹³ e éticos¹⁴ (MENESES, 2009). Aceitando que estes valores não existem isoladamente e que se agrupam de forma hierarquizada, variando superposições, hierarquizações, transformações e conflitos do patrimônio (ibid., 2009).

Estes valores vão ao encontro da concepção de sentido compartilhado, proposto por Pratz (2005). Entendendo que neste movimento, aparecem códigos que são compartilhados e principalmente concebendo a visão de uma abordagem participativa do campo patrimonial em detrimento de uma abordagem narcotizante. Esta abordagem participativa está sob princípios políticos e ideais de construção e projeção imaginária do patrimônio.

O patrimônio também está atravessado pela ação de três tipos de agentes: a) o setor privado; b) o Estado e c) os movimentos sociais – como já explicitado acima. As contradições no uso do patrimônio assumem a forma de interação entre os setores em cada período histórico (CANCLINI, 2005). Estes agentes, em comum com os sujeitos que não estão vinculados a eles, compartilham segundo Canclini (2005), de imaginários patrimoniais e ideais de valoração de bens. Existe assim, a busca por um tradicionalismo substancialista e o valor histórico unicamente pelo valor que o bem contém em si mesmo. Permeando-se a concepção mercantilista que favorece ou retarda o “avanço material” sobre um bem patrimonial, desta forma o imaginário conservacionista e monumentalista, circunscreve-se no papel do Estado na definição e promoção do patrimônio. Outro paradigma é o participacionista, que entende o patrimônio e sua preservação relacionando-os com as necessidades globais da sociedade a partir da demanda dos usuários (ibid., 2005).

¹⁰Se há possibilidade relevante de conhecimento, então o valor predominante é cognitivo. O bem está sendo tratado como documento ao qual se dirigem questões para obter, como resposta, informações de múltiplas naturezas. Assumindo desta forma um valor de fruição intelectual (MENESES, 2009).

¹¹ Possibilidade de gratificação sensorial tornando o contato do meu “eu” com o “mundo externo” então seu valor predominante é formal ou estético (MENESES, 2009).

¹² Os valores que chamamos de históricos estariam mais bem enquadrados na categoria de valores afetivos. São afetivos, pois constam de vinculações subjetivas que se estabelecem com certos bens. Há desta forma, uma relação entre memória e história que não está no mesmo lado (MENESES, 2009).

¹³ São mais que valores de uso. São valores de usos percebidos como qualidades (MENESES, 2009).

¹⁴ Não relacionados aos bens, mas as interações sociais em que eles são apropriados e postos a funcionar, tendo como referência o lugar do outro. Se o Direito à cultura é o direito à diferença, esta só tem legitimidade quando é capaz de dialogar e produzir transformações mútuas (MENESES, 2009).

Portanto o campo dos valores não é um campo que se tenha fronteira e objetivos demarcados, é antes de tudo uma avaliação para valoração (MENESES, 2009). Estes aspectos serão problematizados agora na análise e no recorte empírico realizado para o presente trabalho, inicialmente será problematizado as imagens previamente selecionadas, pensando como as pessoas assumem um ideal instrumental do patrimônio. Além disso, os ideais de valoração também serão explanados.

“Eu sinto na pele e no coração o que é o patrimônio”: O patrimônio e sua valoração instrumental

Explanarei agora, algumas participações dos sujeitos através de fotos e textos selecionados a partir do recorte estabelecido. Este recorte está delimitado pelo objeto do trabalho em poder realizar uma análise reflexiva da instrumentalidade e os imaginários de preservação e valoração de ressonância que o patrimônio cultural estabelece. Além disso, foram selecionadas fotos que foram sugestionadas de forma autônoma pelos sujeitos, ou seja, que não foram selecionadas pelo moderador da comunidade “O que é patrimônio para você?”. A partir da análise do conteúdo sobre patrimônio, compartilhado no ciberespaço abre-se a “possibilidade de transitar analiticamente com essa categoria entre diversos mundos sociais e culturais” (GONÇALVES, 2009: 26). Seguimos agora nas imagens antecedidas aos textos¹⁵:



Imagem 1 – “Sobrado”. Autoria: Nedi Terezinha Locatelli

¹⁵ Ressalta-se que os textos foram mantidos conforme a grafia original da postagem.

No sobrado, sobrou a beleza – brincadeira -,
A panela, o remédio e o berro, mais que grito.
Também a caminha do nenê. Ou seria da boneca?
Não é morte; é esquecimento, desprezo que judia.
#oqueepatrimonioparavoce
Data: março/2011
Local: Interior de Lindóia do Sul – SC
(FACEBOOK, 2014)



Imagem 2 – “Diálogo Sem Vozes”. Autoria: Nedi Terezinha Locatelli

No assoalho, o saber e o fazer do mestre já ido
Da natureza, generosidade na madeira.
Os pés do mestre com diploma percorreram dias
Para os olhos dialogarem com o jeito de fazer de antes da escola.
#oqueepatrimonioparavoce
Data: março/2011
Local: Família Bergamim – Linha Guararapes – Xavantina – SC
(FACEBOOK, 2014)



Imagem 03 – “Sobrevivência”. Autoria: Nedi Terezinha Locatelli



O sagrado jaz. Material.
Tem a deferência de ser guardado.
Sobrevive no altar da utilidade.
#oqueepatrimonioparavoce
Data: prefiro omitir
Local: prefiro omitir
(FACEBOOK, grifo meu, 2014)

Nestas três primeiras imagens, postadas por uma mesma interlocutora, há um objetivo em comum de compartilhar o sentimento de perda e esquecimento. O anacronismo da caminha do bebê esquecida no porão, do saber-fazer do mestre já ido e a escultura sagrada guardada no altar da (in)utilidade, dialogam com o coração do problema do patrimônio:

falar e cuidar de bens culturais não é falar de coisas ou práticas que tenhamos identificado significativos intrínsecos, próprios das coisas em si, obedientemente embutidos nelas, mas é falar de coisas (ou práticas) cujas propriedades, derivadas de sua natureza material, são seletivamente mobilizados [...] para socializar, operar e fazer agir suas ideias, crenças, afetos, seus significados, expectativas, juízos, critérios, normas, e etc. – e, em suma, seus valores. (MENESES, 2009: 32)

É necessária uma reavaliação a respeito do valor e da valoração (reconhecimento de valor) de bens culturais, sem nunca excluir a figura do especialista, mas privilegiando a figura do *usuário*, do *fruidor* (MENESES, 2009). Estes usuários são os que detêm o valor simbólico da causa e possuem o direito e gratificação de fruir por esses bens por ela instituídos identificando neles, componentes e referências do valor cultural.

Isso poderia implicar em uma política cultural com o objetivo de não só resgatar “objetos autênticos” de uma sociedade, mas sim aqueles que são culturalmente representativos. É interessante perceber que esses bens levantados nas fotos, de certa forma estão “descontextualizados”, porém eles só adquirem sentido na relação memorizada (SILVEIRA & LIMA FILHO, 2005) da autora que lamenta o sentimento da perda. Esta vai concebendo profundidade aos significados inscritos, seja pela repetição de gestos de fundação de suas moradas, seja por sua adesão a determinadas práticas (CERTEAU, 1994) que se repetem em espaços de sociabilidade.



Imagem 04 – “Araucária”. A autoria: Ana Maria Terra Seganfredo

“araucaria, o Pinheiro do Rio Grande do Sul e parte do Paraná, e Santa Catarina. Utilizado para erguer as cidades do sul, durante a colonização, explorado pelos ingleses, gerou até a GUERRA do CONTESTADO, agora está sendo plantado para que não se extinga. O Fruto chamado de Pinhão serviu de alimento nos invernos para os indígenas e também para os imigrantes. Europeus” #oquepatrimonioparavoce (FACEBOOK, 2014).

As lembranças despertadas a partir da Araucária situam-se na possibilidade dela constituir-se como um elemento patrimonial de outra acepção. Contudo sua característica se mantém, no qual seja a capacidade de emocionar e levar a fruição pelo sentimento de pertencimento que é compartilhado pela autora. Destaca-se no texto da autora da foto, a diversidade de temporalidades que um bem pode reunir (Pinhão da Araucária/Alimentação aos indígenas e a população, Construção de cidades para os imigrantes com a madeira; Exploração pelos Ingleses; Guerra do Contestado e etc.).

O apelo evocado não se encontra na memória da autora, mas nas representações de uma coletividade, nos símbolos, nos lugares, nas práticas e saberes em que ela se reconhece (DEVOS; ROCHA, 2014). Como todas as modalidades de interpretação da passagem do tempo, e se expressando em uma narrativa individual, é compartilhada na dinâmica do Imaginário (DURAND, 2001).



Imagem 05 – O Que É Patrimônio Para Você? AUTORIA: VIVIANE OLIVEIRA

Patrimônio para mim é poder compartilhar com meus alunos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Tiradentes - Unit (Aracaju/SE) conhecimento sobre a preservação histórico e cultural. Na visita técnica que realizamos ao município de Piranhas/AL em 14.09.2014, aprendemos um pouco sobre a tecnologia construtiva da taipa para edifícios históricos.(FACEBOOK, 2014)

Nesta imagem e na descrição, temos um exemplo crítico do que pode estar se tornando a concepção patrimonial. “Mais do que um sinal diacrítico a diferenciar nações, grupos étnicos e outras coletividades, a categoria “patrimônio”, em suas variadas representações, parece confundir-se com as diversas formas de autoconsciência cultural” (GONÇALVES, 2009: 32). Ou seja, a categoria tem se moldado diante de diversos contornos semânticos que ela assume, não discutindo a prática em sua essência, mas no caso da foto e do dizer, não se está problematizando a sua existência (ibid., 2009) – no caso da tecnologia construtiva da taipa para edifícios. Toda operação científica ou pedagógica sobre o patrimônio é uma meta linguagem, não faz falar as coisas, mas fala de e sobre elas.



Imagem 06 – O Histórico Do Pelznickel Em Guabiruba. AUTORIA: FABIANO SIEGEL.

É uma tradição passada de pai para filho que, em nossa cidade, já acontece desde a imigração dos alemães por volta de 1862. Temos orgulho de pertencer a esta malha dentro da tradição que até hoje não parou. Uma das únicas tradições em nossa cidade que nunca foi esquecida: um Pelznickel nas ruas nos dias 6 e 24 de dezembro. Temos relatos de pessoas como Orlando Fischer, José Siegel 82 (falecido 2002), Nicolau Schweigert 89, Inês Schorck 77 e Elfrida Riffel 75 que participaram deste evento por muitos anos. Hoje, vários filhos, netos destas pessoas percorrem as ruas desta cidade em tempo de natal. #oqueepatrimonioparavoce, as crianças recebendo o presente do Pelznickel. Ele sai do mato em todos os natais para passar nas ruas e visitar as casas das crianças que não obedecem os pais, Tradição do Pelznickel mantida na cidade de Guabiruba - SC, a mais de 180 anos. Sociedade do Pelznickel. Isso é: #oqueepatrimonioparavoce (FACEBOOK, 2014).



Imagem 07 – “Meu Patrimônio, Minha História”. Autoria: Gabriele Rigon

Esse ano, na tentativa de proteger essa catedral neogótica construída em pedras mouras, concluída em 1927, tive a oportunidade singular de descobrir a minha própria história. Após criação de um grupo no facebook e no segundo encontro dos integrantes dele, uma pessoa de 80 anos se fez presente e veio até mim. Além de contar ao grupo que seu pai deixou a

sua assinatura na pedra (toigo escrito na junção das pedras em forma de cálice), também me contou, ao confirmar minha filiação, que minha vó foi mãe de leite do filho dele. O toigo e eu moramos em Porto Alegre, 4 horas de viagem para chegar em vacaria. Minha vó permanece lá, e foi com ela que eu entrei na catedral na páscoa e descobri a reforma. #oqueepatrimonioparavoce (FACEBOOK, 2014)

Neste nível de apreensão, as duas imagens despertam valores principais de um bem cultural (MENESES, 2009). Como por exemplo, da imagem da catedral¹⁶. Alguns questionamentos são pertinentes as imagens postadas pelos interlocutores: Quem somos? Quais são os nossos valores? De que falam estes patrimônios? Há em todos eles, uma necessidade de fixar-se e criar uma identidade compartilhada que operam em processos de homogeneização cultural e reelaboração simbólica em que os valores passam a ser compartilhados e remetidos a própria origem daquela coletividade (WEBER, 1983).

Na constituição do patrimônio devemos ter em mente que este é um processo que pode ser feito por qualquer grupo e o valor atribuído deve fazer sentido para quem o atribui, o que significa mobilizar um conjunto de relações simbólicas. Tal como aponta Choay (2001), patrimônio tem uma natureza afetiva e deve ser capaz de trazer o passado como lembranças ao presente, produzindo uma nova duração das coisas. Esta duração afetiva e pessoal pode ser caracterizada no seguinte depoimento:

Patrimônio para mim é tristeza por ver imagens feitas pelo pintor italiano Antônio Cremonese, feitas ca. 1931-1934, até então originais, foram maculadas. E não houve nada (denúncias, divulgações na mídia, por exemplo) que barrasse esse verdadeiro crime. Apesar de protegido por lei, já que é um bem tombado, ninguém está sendo responsabilizado.

Eu sei, **eu sinto na pele e no coração o que é o patrimônio**. Eu sei o quanto já chorei ao ver as imagens da reforma da catedral, eu sei o que é ser agredida, ameaçada e coagida, inclusive por quem tem obrigação e dever funcional de o fazer. Tudo por estar divulgando e denunciando essa situação. Eu faço essa pergunta e me dou o direito de não responder, porque desde a páscoa desse ano, **minha própria vida se mesclou com a história dessa catedral: O QUE É PATRIMÔNIO PARA VOCÊ? O que é patrimônio para você que está deixando o lado fraco mais fraco?** (FACEBOOK, 2014)

A capacidade de o bem ser testemunha de uma história e se remeter a uma memória, porque o objeto tem valor artístico (também representativo de métodos construtivos) o investe

¹⁶ Poderíamos relatar os valores que se destacam em cada bem. Mas a título de exemplo, utilizo a catedral. Referente aos valores, estes são propostos Meneses (2009) podemos perceber: Valor Cognitivo: A oportunidade que a catedral constitui de revelar um conhecimento. O bem é tratado como documento ao qual se dirigem questões para obter como respostas, informações de múltipla natureza (como a informação da assinatura na pedra em forma de cálice). Valor Formal: Uma oportunidade de gratificar sensorialmente, constituindo significado alimentado pela memória. Valor afetivo: Afetivo, pois conta com a vinculação subjetiva que está estabelecida e em especial com o sentimento de identidade, com, por exemplo, no caso do pai da interlocutora ter também tido um vínculo e ela ter descoberto a sua própria história. Valor pragmático: São valores capazes de qualificar sua prática, são valores percebidos como qualidades. Por último o Valor ético: Neste caso o valor apropriado e posto a funcionar, no caso a catedral ainda continua funcionando como templo e local de visitaçao para os turistas.

então de sua função memorial, permitindo a evocação de uma determinada fruição (MENESES, 2009), garantindo uma atribuição de valor. A ideia de excepcional valor, não no sentido de único ou de autêntico (foi por muito tempo utilizado como critério de valoração), mas na sua condição de emocionar, transformando-o em patrimônio.

Além disso, o apelo para a preservação do local está diretamente conexo aos imaginários de preservação proposto por Canclini (2005; 1994). As frases: “eu sinto na pele e no coração o que é o patrimônio”; “meu patrimônio, minha história” fazem referência ao paradigma participacionista e as demandas dos usuários diretamente relacionados com o bem. Além disso, é interessante perceber como a condição do bem se confunde com a condição da própria autora: “eu sei o que é ser agredida, ameaçada e coagida”. Neste caso há uma transferência de sentimento, de forma que a agressão ao bem é uma agressão a própria identidade da pessoa.

Considerações finais

Existem outras formas de apreensão do patrimônio como uma categoria de pensamento, do que o pensado teoricamente. Isso implica na existência de outros processos de valoração e não somente a partir da atuação de um grupo de profissionais ligados a cultura, com aquilo que Chauí (1993) denominou de “discurso competente” acerca do patrimônio. Movimentos como esse, possibilitam uma democratização das concepções de cultura, pois como já demonstrou Claude Lévi-Strauss (2008), cognitivamente, cultura é um fenômeno democrático e universal. Ou seja, as pessoas (re)elaboram concepções autonomamente a cerca do patrimônio cultural.

Conclui-se que a dimensão histórica, estética e principalmente de ressonância (GONÇALVES, 2007; 2009) são operativas nos processos de valoração do bem cultural. Atualmente existem diversas demandas de patrimonialização de bens, e que estão, como visto, sendo demandas, favorecendo o imaginário conservacionista (ibid., 2007; 2009) e monumentalista no papel do Estado na definição e promoção do patrimônio. Assumindo assim que “la conservación está lejos de ser una forma neutra de acción” (ARANTES, 2002: 85). É possível perceber também que, apesar da crítica levantada por Lévi-Strauss (2006) de que a diversidade é que deve ser salva e o não o conteúdo histórico iminente ao bem que cada época lhe conferiu – pois ninguém saberá perpetuar além dela própria -, a possibilidade que o bem assume de tornar-se fonte de conteúdo histórico é iminente as demandas por patrimonialização.

Para finalizar, patrimônio é produto de atribuição de valor cultural. Este, muda ao longo do tempo, mas o que permanece é a dimensão simbólica atribuída ao valor como excepcional. Um patrimônio reformulado que considere seus usos sociais, não apenas de uma mera atitude defensiva, mas de como a sociedade apropria-se e dialoga com seu simbolismo. Sendo o patrimônio visto como algo referencial para a nossa sociedade, pois é instrumento de construção de identidade atrelado à memória.

Referencias bibliográficas

ARANTES, Antonio Augusto (2002). Cultura, ciudadanía y patrimonio en América latina. In: LACARRIEU, Mónica; ÁLAVAREZ, Marcelo. *La (indi)genciación cultural: una cartografía de los procesos culturales contemporáneos*. Buenos Aires: Ed. Ciccus.

AVRITZER, Leonardo (Org.) (1994). *Sociedade civil e democratização*. Belo Horizonte: DelRey.

CANCLINI, Néstor García (2005). El porvenir del pasado. In: *Culturas Híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Buenos Aires: Paidós.

_____ (1994). O patrimônio cultural e a construção imaginária do Nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Cidadania. n. 24.

CASTELLS, Alicia N. G. de (2010). La inmaterialidad del mundo de los sectores subalternos. In: HERNANDEZ, José de Jesús; ROTMAN, Mónica; CASTELLS, Alicia N. G. de (Org.). *Patrimonio y cultura em América Latina: Nuevas vinculaciones con el estado, el mercado y el turismo y sus perspectivas actuales*. Universidad de Guadalajara. México: Acento Editores/Alfredo Gutiérrez R.

CASTELLS, Manuel (2003). *A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor.

CERTEAU, Michel (1994). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes.

CHAUÍ, Marilena (1993). *Cultura e democracia*. São Paulo: Cortez.

CHOAY, Françoise (2001). *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: UNESP.

CHUVA, Márcia (2012). Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Cidadania. n. 34, pp. 147-167.

CLIFFORD, James (1995). *Dilemas de la cultura: Antropología, literatura y arte em la perspectiva pomoderna*. Barcelona: Gedisa.

_____ (1994). Colecionando Arte e Cultura. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Cidadania. n. 23.

DEVOS, Rafael Victorino; ROCHA Ana Luiza Carvalho da (2014). Patrimônio Ambiental e águas urbanas – Habitantes de Arroio. In: CASTELLS, Alicia Norma González de; SANTOS, Jeana Laura da Cunha. *Patrimônio Cultural e seus campos*. Florianópolis: Editora UFSC.

DURAND, G (2001). *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes.

FARIAS, Agenor José Teixeira Pinto (2010). Estado Nação, Etnicidade e patrimônio cultural: memória e cultura material no comércio do artesanato indígena. In: HERNANDEZ, José de Jesús; ROTMAN, Mónica; CASTELLS, Alicia N. G. de (Org.). *Patrimonio y cultura em América Latina: Nuevas vinculaciones com el estado, el mercado y el turismo y sus perspectivas actuales*. Universidad de Guadalajara. México: Acento Editores/Alfredo Gutiérrez R.

FONSECA, Maria Cecília Londres (2005). A fase heroica. In: *O patrimônio em processo, Trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: MinC, Iphan.

GOHN, Maria da Glória (2007). *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos (2009). O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (Org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina.

_____ (2007). Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio. In: *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro.

LÉVI-STRAUSS, Claude (2008). *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

- LÉVI-STRAUSS, Laurent (2006). Patrimônio imaterial e diversidade cultural: o novo decreto para a proteção dos bens imateriais. In: *O registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial*, 4ª ed.
- MÁXIMO, Maria Elisa (2010). Da metrópole às redes sociotécnicas: a caminho de uma antropologia no ciberespaço. In: RIFIOTIS, Theophilos; MÁXIMO, Maria Elisa; LACERDA, Juciano de S.; SEGATA, Jean. *Antropologia no ciberespaço*. Florianópolis: Editora UFSC.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de (2009). O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. Conferência Magna. *I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural*, v.1.
- PACHECO, João de Oliveira (1996). Cidadania, racismo e pluralismo das sociedades indígenas na organização dos estados nacionais. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Cidadania. n. 24.
- PRATZ, Llorenç (2005). Concepto y gentióndel patrimônio local. *Cultura y patrimônio, perspectivas contemporáneas em lainvestigación y la gestión*. Cuadernos de Antropología Social. Sección de Antropología Social. n. 21. Buenos Aires, julio.
- RIFIOTIS, Theophilos; MÁXIMO, Maria Elisa; LACERDA, Juciano de S.; SEGATA, Jean (2010). *Antropologia no ciberespaço*. Florianópolis: Editora UFSC.
- RIFIOTIS, Theophilos (2010). Duas ou três coisas sobre elas, as comunidades virtuais. In: RIFIOTIS, Theophilos; MÁXIMO, Maria Elisa; LACERDA, Juciano de S.; SEGATA, Jean. *Antropologia no ciberespaço*. Florianópolis: Editora UFSC.
- ROTMAN, Mónica B. (2014). Institucionalização do campo patrimonial nacional. História, normativa e pautas classificatórias: um estudo de caso. In: CASTELLS, Alicia Norma González de; SANTOS, Jeana Laura da Cunha. *Patrimônio Cultural e seus campos*. Florianópolis: Editora UFSC.
- SILVEIRA, Leonel Flávio Abreu da & LIMA FILHO, Manuel Ferreira (2005). Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma nas coisas” e a coisificação do objeto. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, a. 11.

SOUZA, Raquel (2012). O fake e o Twitter. Identidade e estigma no movimento social da hashtag #ForaMicarla em Natal-RN. In: SEGATA, Jean; MÁXIMO, Maria Elisa; BALDESSAR, Maria José. *Olhares sobre a cibercultura*. Florianópolis: Editora UFSC.

VELHO, Gilberto (2008). Projeto, emoção e orientação em sociedades complexas. In: VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar.

WEBER, Max (1983). *Economia y sociedad*. México: Fondo de Cultura Economica.